

DA CIRCULAÇÃO DE SABERES AOS SABERES CIRCULARES: A RODA COMO ESPAÇO DE CONFLUÊNCIA PARA O ENSINO E A PESQUISA EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

FROM THE CIRCULATION OF KNOWLEDGE TO CIRCULAR KNOWLEDGE: THE WHEEL AS SPACE OF CONVERGENCE FOR TEACHING AND RESEARCH ON ETHNIC-RACIAL RELATIONS

DE LA CIRCULACIÓN DEL CONOCIMIENTO AL CONOCIMIENTO CIRCULAR: LA RUEDA COMO ESPACIO DE CONFLUENCIA PARA LA ENSEÑANZA Y LA INVESTIGACIÓN EN RELACIONES ÉTNICO-RACIALES

*Original recebido em: 29 de setembro de 2025
Aceito para publicação em: 26 de fevereiro de 2026
Publicado em: 09 de abril de 2026*

Carla Baiense Felix

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Monique Paulla

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Rebello

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo.

RESUMO

Neste artigo, discutimos a contribuição das rodas de conversa para a pesquisa em recepção sobre questões étnico-raciais. Para isto, apresentamos um relato do percurso metodológico adotado na pesquisa “Representações de raça e gênero no jornalismo brasileiro”, cujo objetivo é compreender como as juventudes produzem sentidos sobre raça e racismo, mediadas pela cobertura jornalística sobre o tema. A investigação foi realizada com jovens estudantes dos cursos de Comunicação Social-Publicidade e Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), durante os meses de outubro e novembro de 2023. A metodologia se baseou na noção de circularidade presente nas culturas africanas, a partir dos debates de Leda Martins (2002) e Antônio Bispo dos Santos (2023). Argumentamos que ao romper com a linearidade e hierarquia da modernidade ocidental, as rodas criam um espaço de confluência (Bispo dos Santos, 2023) de saberes e experiências sobre o racismo, mas também de enfrentamento a ele.

Palavras-chave: Metodologias Afrodiaspóricas; Roda; Juventude; Jornalismo; Racismo.

ABSTRACT

In this article, we discuss the contribution of conversation circles to reception research on ethnic-racial issues. To this end, we present a report on the methodological approach adopted in the research project “Representations of race and gender in Brazilian journalism,” which aims to understand how young people produce meanings about race and racism, mediated by journalistic coverage of the topic. The research was conducted with young students from the Social Communication-Advertising and Journalism courses at the Fluminense Federal University (UFF) during the months of October and November 2023. The methodology was based on the notion of circularity present in African cultures, based on the debates of Leda Martins (2002) and Antônio Bispo dos Santos (2023). We argue that by breaking with the linearity and hierarchy of Western modernity, the circles create a space of confluence (Bispo dos Santos, 2023) of knowledge and experiences about racism, but also of confronting it.

Keywords: Afrodiasporic Methodologies; Wheel; Youth; Journalism; Racism.

RESUMEN

En este artículo, discutimos la contribución de los círculos de conversación a la investigación sobre la recepción de cuestiones étnico-raciales. Para ello, presentamos un informe sobre el enfoque metodológico adoptado en la investigación “Representaciones de raza y género en el periodismo brasileño”, cuyo objetivo es comprender cómo los jóvenes producen significados sobre la raza y el racismo, mediados por la cobertura periodística sobre el tema. La investigación se llevó a cabo con jóvenes estudiantes de los cursos de Comunicación Social-Publicidad y Periodismo de la Universidad Federal Fluminense (UFF), durante los meses de octubre y noviembre de 2023. La metodología se basó en la noción de circularidad presente en las culturas africanas, a partir de los debates de Leda Martins (2002) y Antonio Bispo dos Santos (2023). Argumentamos que, al romper con la linealidad y la jerarquía de la modernidad occidental, las rodas crean un espacio de confluencia (Bispo dos Santos, 2023) de conocimientos y experiencias sobre el racismo, pero también de lucha contra él.

Palabras clave: Metodologías Afrodiaspóricas; Rueda; Juventud; Periodismo; Racismo.

1. INTRODUÇÃO

“Não tem um instrumento colonial mais eficiente do que as Universidades, porque elas são a cabeça da sociedade, o cérebro da sociedade” (Bispo dos Santos, 2023).

A crítica do intelectual e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos às universidades, caracterizadas por ele como ninho do colonialismo, nos convida a refletir sobre a possibilidade/impossibilidade de uma educação e de uma pesquisa contracoloniais (Bispo dos Santos, 2003) nestes espaços. Esse é um debate fundamental sobretudo no contexto da educação para as relações étnico-raciais (Brasil, 2003), reconhecida como obrigatória em todos os níveis de Ensino no Brasil. Tendo em vista que o racismo se configura como um dos

alicerces do edifício moderno/colonial (Lugones, 2020), no qual a universidade tem o papel de gestar os instrumentos de manutenção da colonialidade, como garantir que o ensino e a pesquisa contribuam para a transformação dessa realidade?

Dentro das possibilidades/impossibilidades colocadas para uma produção científica comprometida com a transformação social, encontramos na roda, tecnologia ancestral de comunicação, a forma para o envolvimento dos sujeitos e sujeitas com os quais pesquisamos, ensinamos e aprendemos. Pois, se como explica Nêgo Bispo (2023), modernidade é “desenvolvimento”, o envolvimento se coloca como desafio de uma ciência contracolonial.

A psicóloga e educadora Azoilda Loretto da Trindade considera que a circularidade é um dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Referência no movimento negro e uma das criadoras do projeto Diálogos entre povos, pedra fundamental da educação antirracista no Brasil, ela afirma que “com o círculo, o começo e o fim se imbricam, as hierarquias, em algumas dimensões, podem circular ou mudar de lugar [...]” (Trindade, 2006, p.97).

A circularidade, portanto, desloca e descentra posições cristalizadas, permitindo a produção de saber em fluxo. Essa tecnologia contracolonial, bastante utilizada nos primeiros anos de educação, tem sido renegada no ensino superior e pouco explorada na investigação acadêmica. Na nossa prática de pesquisa, o dispositivo da roda se mostrou estratégico para fazer emergir “a dupla voz” (Martins, 2002, p. 71) de nossos interlocutores, ou seja, para que pudessem dizer não apenas o que se esperava que dissessem, mas o que realmente pensam e fazem a respeito do racismo no seu cotidiano.

Neste artigo, trazemos um relato da pesquisa “Representações de raça e gênero no jornalismo brasileiro”, realizada com jovens estudantes dos cursos de Comunicação Social-Publicidade e Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Nossa construção metodológica se baseou na noção de circularidade presente nas culturas africanas, tendo como elemento principal a roda de conversa.

Nosso objetivo é apresentar a metodologia e refletir, a partir da recepção, sobre os sentidos produzidos em roda a respeito de raça e racismo pelos jovens, mediados pela cultura e pela comunicação. Argumentamos que ao romper com a linearidade e hierarquia da modernidade ocidental, as rodas criam um espaço de confluência (Bispo dos Santos, 2023) de saberes e experiências sobre o racismo, mas também de enfrentamento a ele. As rodas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2023, em conjunto com as disciplinas Comunicação e relações étnico-raciais, Comunicação e Cultura e Feminismo Negro, no Instituto de Arte e Comunicação Social da universidade.

2. EXU MATOU O PÁSSARO ONTEM COM UMA PEDRA QUE SÓ JOGOU HOJE

Mestre Antônio Bispo lembra que a circularidade está intrinsecamente ligada às expressões culturais africanas. Vários signos retratam essa relação com um tempo/espaço circulares, como o provérbio que abre essa seção. Segundo esse princípio, passado, presente e futuro não estão dispostos numa lógica linear, mas se interconectam e interpenetram numa espiral contínua. Esse movimento dá sentido à existência, situando os sujeitos numa coletividade, já que carregam consigo a ancestralidade e a continuidade da vida. E permite que se retorne ao passado para se buscar ou reparar o que ficou, como simbolizado pelo Sankofa, o símbolo Adrinka representado por um pássaro que carrega um ovo com o bico voltado para trás.

Para além de um conceito explicativo dos ciclos da vida, que estão em constante renovação, a circularidade também expressa formas de resistência de povos historicamente perseguidos. Conforme Antônio Bispo, “Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de começar” (Santos, 2022, p. 11).

Há ainda nas formas culturais circulares um espaço privilegiado de troca de saberes e experiências. Segundo Alan Santos de Oliveira (2022), o elemento circular propõe formas comunicativas, estéticas e imaginárias pelos encontros e pela memória, expressas pelo corpo, pela dança, pela música e pela festa.

Esferas, elipses, curvas, espirais, circunferências, rodas, enfim, formas bastante antigas na história e no campo dos conhecimentos humanos já estiveram presentes ou ainda fazem parte de tradições orientais, por exemplo. (Oliveira, 2022, p. 160)

As rodas de samba, o jongo e a capoeira têm em comum a manifestação de saberes e emoções a partir da oralidade e do corpo. A poeta, ensaísta, acadêmica e dramaturga negra Leda Martins (2002) denomina de afrografias essa forma de comunicação performática. Conforme Nêgo Bispo, há também nesses registros estratégias de resistência às tentativas de apagamento da herança africana.

[...] porque mesmo que queimem a escrita, não queimam a oralidade, mesmo que queimem os símbolos, não queimam os significados, mesmo que queimem os corpos, não queimam a ancestralidade. (Bispo, 2023, p. 15)

Leda Martins lembra que nas filosofias nagô/iorubá e banto, “a encruzilhada é o lugar sagrado das mediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo

frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção” (Thompson, 1984; Martins, 1997 apud, Martins, 2002, p. 73). A roda, portanto, é o lugar de cruzamento das diferentes experiências que produzem o tecido cultural.

Neste trabalho, entendemos as rodas de conversa como parte de uma metodologia afro diaspórica, que prevê o resgate da ancestralidade e da memória e incentiva a produção de um conhecimento circular, pela oralidade e por meio das trocas em grupo. As análises realizadas a partir do que é produzido nesse fluxo se baseia, igualmente, no diálogo, a partir das reflexões de autores e autoras da diáspora africana.

3 FLUXO METODOLÓGICO

Pesquisas de recepção se utilizam de diferentes técnicas para produção de dados, desde os surveys até aquelas de inspiração etnográfica, como a observação participante. Dentro da nossa proposta inicial, os grupos focais nos pareceram a opção mais adequada, uma vez que privilegiam o que se constrói na interação do grupo e não o dado individual. Além disso, o fato de podermos recrutar diferentes perfis de jovens nos ajudaria a compor um quadro plural das percepções e da produção de sentidos com as mídias.

Dadas às impossibilidades do método, no entanto, como o número limitado de participantes e a postura de neutralidade almejada pelos mediadores, nos arriscamos a adotar uma forma radical, no sentido de um retorno às raízes. Escolhemos a roda de conversa como elemento organizador da pesquisa, capaz de descentralizar as hierarquias espaciais e de saber, interferindo, portanto, no tipo de conhecimento produzido.

Mantivemos, no entanto, os cuidados recomendados pelos comitês de ética, como a definição de um roteiro prévio para as atividades e a apresentação do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). O convite à participação foi feito nas aulas das disciplinas Comunicação e Cultura, Comunicação e Relações Étnico-Raciais e Comunicação e Feminismo Negro. Todas já abordavam questões de raça de forma central ou norteadora nos seus programas, preparando os participantes para as trocas em roda. Como critério de inclusão/exclusão para participação, definimos a faixa etária - entre 18 e 29 anos.

Na roda, criamos uma dinâmica em três momentos distintos: o autorreconhecimento, a memória do racismo e a leitura midiática. Uma das pesquisadoras atuou como mediadora, trazendo as questões para a roda e incentivando a participação coletiva. Nesse sentido, não se colocou numa posição neutra no debate, ao contrário, participou de maneira ativa, o que

implicou, antes de tudo, no reconhecimento de seu lugar de fala (Ribeiro, 2018) enquanto mulher negra e professora universitária. Essa experiência de autodefinição foi vivida, ainda, pelas outras duas pesquisadoras, que atuaram no registro da roda, uma mulher branca, também professora, e uma jovem estudante branca bolsista de Iniciação Científica.

Inicialmente, em cada uma das rodas, os estudantes puderam fazer suas autodefinições, a partir de marcadores sociais que os próprios consideravam relevantes, que os descreviam e pelos quais seriam identificados. A autodefinição desempenhou uma dupla função nas rodas, sendo a primeira, de ordem prática: foi a partir dela que identificamos os e as participantes da pesquisa. A outra função consistia no reconhecimento do lugar de cada enunciatador/enunciadora. No caso de estudantes negros e negras, a autodefinição, conforme argumenta Patricia Hill Collins (2019), é ainda uma maneira de escapar aos estereótipos atribuídos a pessoas negras.

Assim, pudemos perceber uma pluralidade nas autodeclarações dos jovens presentes, seja por etnia, gênero, orientação sexual ou religiosidade. A diversidade nas autodefinições encaminhava os discursos e posicionava os jovens frente à temática. Num primeiro instante, foi possível perceber um movimento dos estudantes que se autodeclararam brancos ou pardos não contribuindo com a dinâmica, por não se sentirem confortáveis em falar sobre o tema. Como relata um jovem que se identifica como homem, cis, hétero, pardo e de 22 anos.

Não tô podendo contribuir muito com essa aula.
(Comunicação e Relações Étnico-Raciais, 2023)

Porém, com o avanço da dinâmica e a troca de conhecimentos rodante, esses mesmos jovens começaram a contribuir com relatos do que viram, ouviram ou vivenciaram. Em um debate sobre como a presença de familiares e amigos negros serve para justificar falas racistas, o estudante que se identifica como homem, branco, cis, gay, de 22 anos, exprime sua indignação.

Eu sou um homem branco e minha mãe é preta. São dois mundos, gente muito pálida e gente muito preta, se chocando um no outro. E aí um amigo meu comentou que depois que construíram essa narrativa do racismo estrutural, racismo científico, ninguém é mais racista. Como assim? (Comunicação e Cultura, 2023)

Segundo Grada Kilomba, em uma entrevista com Djamila Ribeiro para a Carta Capital, "racismo é uma problemática branca", ele tem a ver com poder e historicamente a população negra não detém deste poder. Debater e criminalizar o racismo deveria ser responsabilidade das pessoas brancas.

Somando as três rodas, reunimos cerca de 30 mulheres e 15 homens, com uma diversidade de raça, por meio de pessoas que se autodeclararam pretas, pardas e brancas e de religiosidade, agregando agnósticos, católicos, umbandistas e espíritas.

Em um segundo momento, as mediadoras puderam trabalhar a memória midiática e de experiência dos participantes com o racismo, por meio de uma coleta de impressões, baseada nas trocas e na construção das narrativas que ali, em roda, surgiam. De acordo com Alan Santos, a oralidade descoloniza e se contrapõe às formas hegemônicas do pensar. A história oral resgata conhecimentos adormecidos ou forçadamente esquecidos, utilizando da memória como recurso para a compreensão de fenômenos sociais, interligando subjetividades às relações estruturais da sociedade.

Um dos ensinamentos que a pedagogia circular nos traz é que mesmo em roda a abordagem sobre episódios de racismo com pessoas negras será sensível e delicada em qualquer situação. Ainda que as pessoas negras não fossem totalitárias e que estivéssemos em um formato não hierárquico, rememorar episódios de racismo é também um processo de acessar a dor do trauma coletivo provocado pelo sistema racista. Mesmo que tais violências não tenham sido diretas.

A professora Ediene Ribeiro em palestra no programa Café Filosófico reflete que uma das possibilidades para a experiência traumática do racismo (Kilomba, 2020) é a ação. E a dinâmica de funcionamento das rodas é a partir da ação. E na fluidez da roda observamos a) levantamento dos casos de racismo a partir da cobertura jornalística e da midiática, b) leitura de cenário jornalístico e midiático do que foi abordado na roda e c) catarse de experiências vividas na Universidade enquanto estudantes e futuros profissionais de comunicação antirracista.

No momento inicial - levantamento dos casos de racismo a partir da cobertura jornalística e midiática - um estudante recordava um episódio de racismo e outros complementavam com elementos adicionais sobre os mesmos casos. Na roda, a visualidade é a mesma para todas as pessoas presentes. E com o fluxo da roda, com cada um trazendo pontos da sua memória, até os mais tímidos se colocaram. Esse cenário fomentava um ambiente de elaborações que ajudassem na decodificação de episódios racistas nas suas sutilezas, se assim podemos dizer.

Por exemplo, uma pessoa estudante trouxe à memória a instrumentalização da dor de uma jornalista negra, única no quadro de comentaristas da emissora, todas as vezes que uma criança negra é assassinada no Rio de Janeiro. Outra pessoa estudante destacava as

coincidências na ordem dos fatos no caso de uma artista famosa no cenário da música nacional que no mesmo dia do arquivamento do processo de racismo de que era acusada viraliza nas redes com notícias sobre um suposto processo movido pelo ex-namorado que a teria traído publicamente.

Posteriormente, as leituras dos cenários jornalísticos e midiáticos do que estava sendo compartilhado resultaram na compreensão de que em boa parte dos casos compartilhados tratavam-se de abordagens jornalísticas e midiáticas racistas e não de cobertura jornalísticas ou midiáticas sobre episódios de racismo. Ao longo do circundar das rodas, as nuances e detalhamentos dos episódios de racismo possibilitaram que as elaborações analíticas dos estudantes a partir das memórias compartilhadas produzissem um conjunto de elementos possíveis para produção de práticas antirracistas no jornalismo e nas mídias digitais online. Uma jovem estudante ressaltou:

O que acho interessante também é uma coisa óbvia, mas como a violência está na hora da construção da pauta. (Comunicação e cultura, 2023).

Sobre a catarse de experiências vividas na Universidade enquanto estudantes e futuros profissionais de comunicação antirracista observamos como as rodas funcionaram também como esse espaço de expurgar o que inflama. Se uma roda sobre abordagens e/ou coberturas jornalísticas e midiáticas racistas é um lugar sensível de acesso à dor, também é um lugar para expor o vetor da dor e desentalar o nó na garganta. A universidade como esse lugar de impossibilidades com aponta Nego Bispo é traduzida por um corpo docente que reproduz o racismo e o atualiza na vivência da experiência universitária e na memória traumática para os estudantes negros. Professores de jornalismo e/ou comunicação social que justificam práticas racistas com carteiradas como ‘conceito jornalístico’, diante da qual a jovem preferiu se calar. ‘Fiquei quieta.’ compartilhou a jovem estudante.

Ou a desqualificação da produção intelectual e criativa dos estudantes negros que serão os futuros profissionais no mercado de comunicação e mídia antirracista. Com avaliações de trabalhos por docentes como ‘ficou pesado’. “Ficou pesado, mas porque é uma realidade pesada e enfrentada todos os dias” enfatizou uma pessoa estudante. Expressões como ‘excesso de vitimismo’ ou ‘muito comum’ para um trabalho sobre o Zé do Carço. “Fiz um podcast de samba e o primeiro episódio era sobre o Zé do Carço. Ele deu 1,5 de 5,0 e disse que era muito comum.”. Ou ‘Essa propaganda é altamente fantasiosa’ quando pessoas negras foram escaladas como protagonistas no trabalho de publicidade.

O branco não só delimita, como ele limita pra que a gente não sonhe. Eu achei muito absurdo. Precisa sonhar muito. Tipo, não pense em colocar isso na propaganda. Isto está acontecendo aqui, no Iacs, em uma aula de ética. Por que te incomoda tanto a gente sonhar tanto? (Comunicação e Cultura, 2023)

Em um contexto de reprodução de violências racistas no ambiente universitário, as rodas de conversa realizadas na pesquisa se converteram em espaço de libertação a partir da produção de conhecimento de forma coletiva, por meio de compartilhamentos das vivências, memórias, percepções e elaborações de possibilidade de uma produção jornalística e midiática antirracista, da concepção à realização.

A dinâmica da roda traz à tona outros dados, baseado na produção de conhecimento a partir das experiências. Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2019), nos dirá que as narrativas das suas vivências e dos seus é o caminho da escrevivência, uma narrativa que vem antes da escrita formal. Assim, a medição das rodas seguiu a dinâmica de ouvir os jovens na roda, queríamos que narrassem suas percepções com a mínima, mas cuidadosa e respeitosa intervenção entre os diálogos que transitavam por todos nas rodas.

No terceiro momento de troca, utilizamos como disparadores reportagens audiovisuais, obtidas no portal G1, a partir da palavra-chave racismo, entre os anos de 2021 e 2023. Foram selecionadas cinco reportagens para a atividade, das quais uma foi apresentada na primeira roda, três na segunda e uma na terceira.

Na primeira roda de conversa, com jovens estudantes da disciplina Comunicação e feminismo negro, a reportagem “‘É difícil esquecer’, diz homem negro que tirou a roupa para provar que não estava furtando em mercado de Limeira” serviu como disparadora do debate sobre tecnologias e abordagens racistas no cotidiano da população negra. A matéria relata a história de Luiz Carlos da Silva, de 56 anos, abordado por seguranças quando deixava um mercado.

Além da abordagem racista de que o homem negro foi vítima, os jovens apontaram a omissão do veículo em relação ao nome do supermercado em que ocorreu o episódio. Segundo Dennis de Oliveira (2023, p. 5), compreender o racismo como estrutural significa entendê-lo “como uma dinâmica articulada com a reprodução de uma sociabilidade adequada à forma de reprodução das riquezas”. Nesse sentido, é mais adequado para o jornalismo enquadrar um episódio como esse como um comportamento disfuncional do que reconhecer que o racismo hierarquiza os sujeitos para justificar a superexploração de corpos negros.

Para além da crítica à forma como o veículo jornalístico trata o tema, os jovens puderam expressar, também, suas dores com o racismo cotidiano, seja narrando uma

experiência vivida, seja falando em terceira pessoa. Para Kilomba (2019) o racismo cotidiano é vivido como um trauma, uma experiência violenta. Entre as muitas narrativas que ilustram essa experiência, destacamos a de uma jovem negra:

Você está na sua rede social e você pensa: ah, o mundo tá melhorando. Aí de repente você volta pra realidade. (Comunicação e Cultura, 2023)

Na roda Comunicação e relações étnico-raciais, foram exibidas as reportagens “Advogado negro relata ter sofrido episódio de discriminação por segurança do STF”, “Menina de 10 anos é vítima de ofensas racistas em um grupo de mensagens no celular onde há pessoas da escola onde ela estuda” e “Modelo de BH relata injúria racial após homem dizer que cabelo dela 'assusta': 'Eu me senti sem chão’”.

A exibição ocorreu em sequência, portanto, o fluxo de trocas se referia às três matérias. Num primeiro momento, nos chama a atenção a percepção dos jovens sobre a preservação da identidade, nas reportagens, de quem comete o racismo, opinião partilhada por vários participantes. Conforme expressa um jovem que se identifica como homem pardo, cis, 22 anos, hétero:

Também vou mais nessa perspectiva, de não abordar quem é o agressor. Acho importante dar a voz a quem é agredido, mas ao mesmo tempo, ao não colocar quem agride no papel..., porque quando é negro fazendo uma coisa que eles consideram errado escracham a cara. Não tem nenhum pudor em relação aos efeitos que isso traz. Agora, trazer um branco é, de certa forma, corroborar esse entendimento de impunidade. Acho importante dar voz pra quem sofre, mas também expor quem comete esses crimes. Acho que é o que chama atenção. (Comunicação e cultura, 2023)

A constatação do jovem dialoga com a reflexão da doutora em psicologia Maria Aparecida da Silva Bento (Cida Bento) a respeito da noção de privilégio (Bento, 2022, p. 3). A intelectual negra adverte que o pacto narcísico da branquitude pressupõe uma exclusão moral daqueles que não são reconhecidos como pertencentes ao seu próprio grupo, para os quais não está assegurado o cumprimento das regras e valores vigentes na sociedade. No limite, não se reconhece a própria humanidade desse outro.

Ao apontar uma dicotomia entre o tratamento dado as pessoas negras e brancas acusadas de algum crime no noticiário, os jovens reconhecem o papel do jornalismo no reforço ao pacto narcísico da branquitude. Para uns é garantido o direito à proteção da identidade e o benefício da dúvida até que haja o justo processo legal. A outros, nem seu direito à privacidade nem a presunção da sua inocência são reconhecidos.

Outro aspecto observado pelos jovens diz respeito à dificuldade da imprensa em nomear o racismo. Conforme Nascimento (1978), a discussão da raça foi historicamente interdita, sob o argumento de que produz divisões. Na verdade, a interdição do debate impede o reconhecimento e a reparação do mal causado por séculos de segregação para uns e privilégios para outros. Uma jovem de 24 anos, que se reconhece como branca, hétero e cis, traz o assunto para a roda, ao lembrar outro caso divulgado pela imprensa.

O que aparece no jornal é isso, que não foi racista e foi descontextualizado. Não aparece a palavra racismo no depoimento dela. (Comunicação e cultura, 2023)

Por fim, salta aos olhos o sentimento de dor e impotência diante dos casos de racismo relatado. Nesse fluxo, se expressa um sofrimento diante do crime e, ao mesmo tempo, uma revolta com a recusa da imprensa em ir além da denúncia, assumindo papel ativo numa prática antirracista. Conforme uma jovem de 18 anos, autoidentificada como mulher parda, cis, bi e estudante:

Quando eu vejo esse tipo de reportagem o que me faz não procurar as soluções é que a gente sabe que não vai dar em nada. Eu sei que aquele cara que falou do cabelo tá vivendo a vida dele como se nada tivesse acontecido. Então, eu prefiro não saber, mascarar, do que saber que a pessoa que tá ali traumatizada, que sofreu essa experiência, não vai ter apoio para consertar a situação dela. (Comunicação e Cultura, 2023)

Kilomba (2020) descreve o sofrimento causado pelo racismo como um impacto violento que coloca a pessoa negra de volta à cena colonial. Esse foi um sentimento expresso muitas vezes ao longo da pesquisa. Na roda Comunicação e cultura, outra jovem de 22 anos, autoidentificada como cis, bissexual e estudante de gênero e raça, assim expressa sua angústia:

Por exemplo, Rafael Braga, toda vez que esse assunto vem à tona, parece um looping. A gente fala: Meu Deus, que injusto! Não acontece nada. (Comunicação e cultura, 2023)

A própria ocultação do racismo é vista pela jovem como um tipo de violência contra a população negra. Ela é perceptível na reportagem “Consulta em ginecologista vai parar na Justiça”, utilizada como disparador para a terceira roda.

É uma violência muito sutil, acima de tudo. Você perguntou onde está o racismo. O racismo tá na sutileza de não falar sobre o racismo. A jornalista mesmo: você acha, sei lá, que teve algum tipo de criminalização, algum tipo de preconceito? Ela não fala “racismo”. (Comunicação e Cultura, 2023)

A matéria também desencadeou um debate sobre o papel da universidade na perpetuação do racismo. A justificativa usada pela médica ginecologista Helena Malzac para suas falas racistas durante a consulta de uma jovem negra de 19 anos - de que aprendeu

aqueles conceitos na universidade - trouxe a academia para o centro da roda. A roda, como mencionado anteriormente, é um fluxo. Como afirma Leda Martins, “nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta” (Martins, 2002, p. 84). Nada mais natural esse deslocamento.

Para Leda Martins, “a noção de encruzilhada [...] oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim” (Martins, 2002, p. 73).

A abertura para a crítica à epistemologia branco-ocidental deu oportunidade para que os jovens pudessem expressar seu desconforto com posturas racistas dentro de sala de aula. Dentre as histórias contadas, destacamos o relato do jovem de 22 anos, que se identifica como homem branco, gay, cis, sem religião. Ele falou sobre uma experiência vivida no curso de Publicidade em outra universidade, onde um professor afirmou que ele não deveria escolher modelos negros retintos para ensaios sobre maquiagem artística.

[..] deveria colocar numa pessoa branca, pra sobressair. Eu tinha acabado de entrar na universidade, tinha 18 anos, e aí falei, então tá, é falta de produto. Eu deveria parar e pensar: tem alguma coisa muito estranha acontecendo naquela sala e eu não sei o que eu faço. Eu sei que tinha outras pessoas fotografando pessoas pretas para a capa naquela sala e eu não sei o que elas ouviram. (Comunicação e Cultura, 2023)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De inspiração moderna, as universidades obedecem, reproduzem e adestram para uma ordem (Santos, 2023), que se expressa em seus processos e na disposição dos espaços e dos corpos, dentro de uma hierarquia. Subverter essa ordem exige, portanto, uma ação radical, no sentido de um retorno à raiz, que na tradição africana e dos povos originários do Brasil se vincula ao sentido de coletividade. Não se trata, apenas, de discutir os tipos de conteúdo e as referências bibliográficas a partir das quais podemos ensinar, mas de colocar em perspectiva a própria forma e o sentido de educação proposto neste espaço.

A dúvida sobre a possibilidade/impossibilidade de um fazer contra colonial para sobre nossas pesquisas de recepção no campo das relações étnico-raciais, tanto no que diz respeito aos parâmetros utilizados nos desenhos metodológicos quanto no tipo de dado que se produz. Uma ação radical, implicaria, por exemplo, na discussão sobre a noção de autoria, uma vez que pesquisamos com e não sobre. Portanto, o que se produz nestas pesquisas também é produto coletivo. Em relação aos métodos, a radicalidade esbarra nos padrões

éticos para realização de pesquisas, incluindo a apresentação prévia de roteiros para entrevistas e a omissão da identidade dos sujeitos e sujeitas na apresentação dos dados, que são exigidos em muitos casos para se obter a aprovação nos comitês de ética.

Dentro das condições atuais para a produção de pesquisa, as rodas oferecem uma abordagem metodológica contracolonial que põem em circulação um conjunto de experiências que não encontrariam espaço para expressão. Mas a contrapartida do método reside em renunciar à centralidade do papel desempenhado pela pesquisadora/pesquisador.

Os três tempos das rodas que colocamos em circulação em nossa pesquisa mostram a potência da circularidade na expressão de saberes e produção de conhecimentos contracoloniais. A observação dos mecanismos de funcionamento da imprensa e sua contribuição para perpetuação do pacto narcísico da branquitude demonstra uma percepção aguda dos jovens sobre o desafio de construir uma outra comunicação. A condução das matérias, as fontes ouvidas, os *letterings* que apareciam, a ausência da nomeação do crime e, sobretudo, a superexposição das vítimas foram apontados como técnicas de manutenção do ordenamento racial, ainda que travestidas de denúncia. As rodas de conversa propiciam esse tipo de acontecimento, em que os sujeitos se sentem à vontade para compartilhar dores, momentos de alegria, fragilidades e anseios.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BISPO DOS SANTOS, Antônio; FERDINAND, Malcom. **Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia**: confluências entre Malcom Ferdinand e Antonio Bispo. Moderação de Ana Sanches. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7RCuZE6b83k>. Acesso em 07/07/2024.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. **Terra** - Antologia Afro-indígena. Piseagrama|Ubu, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. In: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o eu: o trauma colonial. In: **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: Graciela Ravette; Márcia Arbex (org). **Performance, exílio, fronteiras**. Errâncias territoriais e texturas. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Alan Santos. Oralidade, imaginário e pensamento rodante: contribuições decoloniais e comunicacionais das tradições africanas. **Ação Midiática**, n. 24, jul./dez. 2022 Curitiba. PPGCOM - UFPR.

OLIVEIRA, Dennis. Mídiação e cobertura jornalística de casos de racismo. In: 46º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, PUC Minas, 2023. **Anais...**2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Ediene. **Trauma, reparação e potência**, com Ediane Ribeiro, psicóloga. Café Filosófico CPFL. Disponível em://www.youtube.com/watch?v=eYJnnWrPuJc. Acesso em 06/07/2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Em busca da cidadania plena. In: BRANDÃO, A.P. (coord.). **Saberes e Fazer v.1: modos de ver**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

Reportagens

'É difícil esquecer', diz homem negro que tirou a roupa para provar que não estava furtando em mercado de Limeira.09/08/2021. **G1**. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2021/08/09/a-gente-quer-esquecer-mas-nao-consegue-diz-homem-negro-que-tirou-a-roupa-para-provar-que-nao-estava-furtando-mercado-de-limeira.ghtml>. Acesso em 12/07/2024.

Advogado negro relata ter sofrido episódio de discriminação por segurança do STF. **G1**. Disponível em <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/df1/video/advogado-negro-relata-ter-sofrido-episodio-de-discriminacao-por-seguranca-do-stf-10437686.ghtml>. Acesso em 12/07/2024.

MADUREIRA, Lucas. Menina de 10 anos é vítima de ofensas racistas em um grupo de mensagens no celular onde há pessoas da escola onde ela estuda. Camille Letícia foi chamada de 'neguinha com cabelo de macaco' pelo pai de outro aluno através de um áudio encaminhado no grupo. Caso foi registrado na 20ªDP (Vila Isabel). 22/12/2022. **G1**.

Disponível em

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/12/22/menina-de-11-anos-e-vitima-de-ofensas-racistas-em-aplicativo-de-mensagens-de-grupo-da-escola.ghtml>. Acesso em 12/07/2024.

MANSUR, Rafaela. Modelo de BH relata injúria racial após homem dizer que cabelo dela 'assusta': 'Eu me senti sem chão'. Desconhecido parou Ludmila Cassemiro na rua, no bairro Cachoeirinha, na Região Nordeste, para dizer que se incomodava com o cabelo dela.

11/10/2021. **G1**. Disponível em [Modelo de BH relata injúria racial após homem dizer que cabelo dela 'assusta': 'Eu me senti sem chão' | Minas Gerais | G1](#). Acesso em 12/07/2024.

FANTÁSTICO. Consulta em ginecologista vai parar na Justiça. Médica está respondendo à Justiça por racismo. Ela disse à uma paciente que a maioria das mulheres negras tem cheiro forte nas partes íntimas. **G1**. <https://globoplay.globo.com/v/11691640/>. Acesso em 12/07/2024.

CARTA Capital. “O racismo é uma problemática branca”, diz Grada Kilomba. **Carta Capital**. Disponível em:

https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problemativa-branca201d-uma-conversa-com-gradakilomba/?utm_content=buffer60dc2&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer. Acesso em 16/07/2024

Carla Baiense Felix

Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGM).

Monique Paula

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUC Minas, Doutora em Comunicação e Sociabilidade pela Universidade Federal de Minas Gerais. Líder e fundadora do Grupo Bertha de Pesquisa.

Fernanda Rebello



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional